“Dispersão”

12 poesias

POR

Mario de Sá-Carneiro

DISPERSÃO

BCS-
449CV.

DE MARIO DE SÁ-CARNEIRO:

Amizade, peça em 3 actos *(com a colaboração de Tomás Cabreira Junior)* — edição da Livraria Bordalo; Lisboa 1912.

Princípio, novelas *(Loucura . . . , O sexto sentido, Diarios, O incesto)* — edição da Livraria Ferreira; Lisboa 1912.

Dispersão, 12 poesias — edição do autor; Lisboa 1914.

A Confissão de Lucio, narrativa — edição do autor; Lisboa 1914.

Céu em Fôgo, novelas *(O homem dos sonhos, O fixador de instantes, Misterio, Novela errada, Asas, Claro-escuro, A estranha morte do Prof. Antena, Mundo interior, Ressurreição, Aquêle que estiolou o genio, Eu-proprio o outro, A grande sombra)* — a sair em 1915.

A seguir:

Ideal, novelas *(O homem que foi Deus, Algumas cartas de amor, A vitória, Triste amor, Um genio).*

Indicios d'Ouro — Versos.

DISPERSÃO—12 POESIAS POR MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

EM CASA DO AUTOR:
1, TRAVESSA DO CARMO—LISBOA 1914

COMPRA
218816

Mcs. 449 C V.

α
21992

mcb 1242649

Tiragem: 250 exemplares

Capa desenhada por

JOSÉ PACHECO

I--Partida

Para longe me foge, em mim, esculpida
A minha visão linda e primeiro amor,
Em brisa transformada, em ancia reprimida
E só, deixando em mim, surpreza, luto e dôr...

~~E Desta parente contemplando o mundo~~
A serpente voraz das illusões
E sondo a medo o genio infecundo
Que agita brandamente os corações

Immerso em fundo magna então ~~[illegible]~~ profundo
Embora inquietamente as ~~[illegible]~~ podridões

PARTIDA

Ao ver escoar-se a vida humanamente
Em suas aguas certas, eu hesito,
E detenho-me ás vezes na torrente
Das coisas geniais em que medito.

Afronta-me um desejo de fugir
Ao misterio que é meu e me seduz.
Mas logo me triunfo. A sua luz
Não ha muitos que a saibam reflectir.

A minh'alma nostalgica de àlem,
Cheia de orgulho, ensombra-se entretanto,
Aos meus olhos ungidos sobe um pranto
Que tenho a força de sumir tambem.

Porque eu reajo. A vida, a natureza,
Que são para o artista? Coisa alguma.
O que devemos é saltar na bruma,
Correr no asul á busca da beleza.

É subir, é subir àlem dos ceus
Que as nossas almas só acumularam,
E prostrados resar, em sonho, ao Deus
Que as nossas mãos de aureola lá douraram.

É partir sem temor contra a montanha
Cingidos de quimera e d'irreal;
Brandir a espada fulva e medieval,
A cada hora acastelando em Espanha.

É suscitar côres endoidecidas,
Ser garra imperial enclavinhada,
E numa extrema-unção d'alma ampliada,
Viajar outros sentidos, outras vidas.

Ser coluna de fumo, astro perdido,
Forçar os turbilhões aladamente,
Ser ramo de palmeira, agua nascente
E arco de ouro e chama distendido...

Asa longinqua a sacudir loucura,
Nuvem precoce de subtil vapor,
Ansia revolta de misterio e olor,
Sombra, vertigem, ascensão — Altura!

E eu dou-me todo neste fim de tarde
A' espira aerea que me eleva aos cumes.
Doido de esfinges o horizonte arde,
Mas fico ileso entre clarões e gumes!...

Miragem rôxa de nimbado encanto—
Sinto os meus olhos a volver-se em espaço!
Alastro, venço, chego e ultrapasso;
Sou labirinto, sou licorne e acanto.

Sei a Distancia, compreendo o Ar;
Sou chuva de ouro e sou espasmo de luz;
Sou taça de cristal lançada ao mar,
Diadema e timbre, elmo rial e cruz...

. . . . . .
. . . . . .

O bando das quimeras longe assoma...
Que apoteose imensa pelos ceus!
A côr já não é côr—é som e aroma!
Vem-me saudades de ter sido Deus...

*

* *

Ao triunfo maior, àvante pois!
O meu destino é outro — é alto e é raro.
Unicamente custa muito caro:
A tristeza de nunca sermos dois...

Paris — fevereiro de 1913.

II--Escavação

ESCAVAÇÃO

DUMA ansia de ter alguma cousa,
Divago por mim mesmo a procurar,
Desço-me todo, em vão, sem nada achar,
E a minh'alma perdida não repousa.

Nada tendo, decido-me a criar:
Brando a espada: sou luz harmoniosa
E chama genial que tudo ousa
Unicamente á força de sonhar...

Mas a vitória fulva esvai-se logo...
E cinzas, cinzas só, em vez do fogo...
— Onde existo que não existo em mim?

. . . . . .
. . . . . .

Um cemiterio falso sem ossadas,
Noites d'amor sem bôcas esmagadas —
Tudo outro espasmo que principio ou fim...

Paris 1913 - maio 3.

III--Inter-sonho

INTER-SONHO

UMA incerta melodia
Toda a minh'alma se esconde.
Reminiscencias de Aonde
Perturbam-me em nostalgia...

Manhã d'armas! Manhã d'armas!
Romaria! Romaria!

. . . . . .

Tacteio... dobro... resvalo...

. . . . . .

Princesas de fantasia
Desencantam-se das flores...

. . . . . .

Que pesadelo tão bom...

. . . . . .

Pressinto um grande intervalo,
Deliro todas as côres,
Vivo em roxo e morro em som...

Paris 1913 -- maio 6.

IV--Alcool

ALCOOL

GUILHOTINAS, pelouros e castelos
Resvalam longemente em procissão;
Volteiam-me crepusclos amarelos,
Mordidos, doentios de roxidão.

Batem asas d'aureola aos meus ouvidos,
Grifam-me sons de côr e de perfumes,
Ferem-me os olhos turbilhões de gumes,
Desce-me a alma, sangram-me os sentidos.

Respiro-me no ar que ao longe vem,
Da luz que me ilumina participo;
Quero reunir-me, e todo me dissipo—
Luto, estrebucho... Em vão! Silvo pra àlem...

Corro em volta de mim sem me encontrar...
Tudo oscila e se abate como espuma...
Um disco de ouro surge a voltear...
Fecho os meus olhos com pavor da bruma...

Que droga foi a que me inoculei?
Ópio d'inferno em vez de paraíso?...
Que sortilegio a mim proprio lancei?
Como é que em dôr genial eu me eteriso?

Nem ópio nem morfina. O que me ardeu,
Foi alcool mais raro e penetrante:
E' só de mim que eu ando delirante—
Manhã tão forte que me anoiteceu.

Paris 1913—maio 4.

V--Vontade de dormir

VONTADE DE DORMIR

Bios d'ouro puxam por mim
A soërguer-me na poeira—
Cada um para o seu fim,
Cada um para o seu norte...

. . . . . .

—Ai que saudades da morte...

. . . . . .

Quero dormir... ancorar...

. . . . . .

Arranquem-me esta grandeza!
—Pra que me sonha a beleza,
Se a não posso transmigrar?...

Paris 1913 — maio 6.

VI--Dispersão

DISPERSÃO

PERDI-ME dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
E' com saudades de mim.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ansia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris
Lembra-me o desaparecido
Que sentia comovido
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é familia,
E' bem-estar, é singeleza,
E os que olham a beleza
Não tem bem-estar nem familia).

O pobre moço das ansias...
Tu, sim, tu eras alguem!
E foi por isso tambem
Que te abismaste nas ansias.

A grande ave dourada
Bateu asas para os ceus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os ceus.

Como se chora um amante,
Assim me choro a mim mesmo:
Eu fui amante inconstante
Que se traíu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro
Nem as linhas que projecto:
Se me olho a um espelho, érro —
Não me acho no que projecto.

Regresso dentro de mim,
Mas nada me fala, nada!
Tenho a alma amortalhada,
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma.

Saudosamente recordo
Uma gentil companheira
Que na minha vida inteira
Eu nunca vi... Mas recordo

A sua bôca doirada
E o seu corpo esmaecido,
Em um halito perdido
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)

E sinto que a minha morte—
Minha dispersão total—
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.

Vejo o meu ultimo dia
Pintado em rôlos de fumo,
E todo asul-de-agonia
Em sombra e àlem me sumo.

Ternura feita saudade,
Eu beijo as minhas mãos brancas...
Sou amor e piedade
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas
Que eram feitas pra se dar...
Ninguem mas quís apertar...
Tristes mãos longas e lindas...

E tenho pena de mim,
Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um élo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me nalma o crepusculo;
Eu fui alguem que passou.
Serei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o crepusculo.

Alcool dum sôno outonal
Me penetrou vagamente
A difundir-me dormente
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...
A hora foge vivida,
Eu sigo-a, mas permaneço...

. . . . . .

. . . . . .

Castelos desmantelados,
Leões alados sem juba...

. . . . . .

. . . . . .

Paris — Maio de 1913.

VII--Estátua falsa

ESTÁTUA FALSA

Só de ouro falso os meus olhos se douram;
Sou esfinge sem misterio no poente.
A tristeza das coisas que não foram
Na minh'alma desceu veladamente.

Na minha dôr quebram-se espadas de ansia,
Gomos de luz em treva se misturam.
As sombras que eu dimano não perduram,
Como Ontem, para mim, Hoje é distancia.

Já não estremeço em face do segredo;
Nada me aloira já, nada me aterra:
A vida corre sobre mim em guerra,
E nem sequer um arrepio de medo!

Sou estrela ébria que perdeu os ceus,
Sereia louca que deixou o mar;
Sou templo prestes a ruir sem deus,
Estátua falsa ainda erguida ao ar...

Paris 1913 — Maio 5.

VIII--Quasi

QUASI

UM pouco mais de sol—eu era brasa,
Um pouco mais de asul—eu era àlem.
Para atingir, faltou-me um golpe d'asa...
Se ao menos eu permanecesse àquem...

Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído
Num baixo mar enganador d'espuma;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho—ó dôr!—quasi vivido...

Quasi o amor, quasi o triunfo e a chama,
Quasi o principio e o fim — quasi a expansão...
Mas na minh'alma tudo se derrama...
Emtanto nada foi só ilusão!

De tudo houve um começo... e tudo errou...
— Ai a dôr de ser-quasi, dôr sem fim... —
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se elançou mas não voou...

Momentos d'alma que desbaratei...
Templos aonde nunca pus um altar...
Rios que perdi sem os levar ao mar...
Ansias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indicios...
Ogivas para o sol — vejo-as cerradas;
E mãos d'heroi, sem fé, acobardadas,
Poseram grades sobre os precipicios...

Num impeto difuso de quebranto,
Tudo encetei e nada possuí...
Hoje, de mim, só resta o desencanto
Das coisas que beijei mas não vivi...

. . . . . .

. . . . . .

Um pouco mais de sol — e fôra brasa,
Um pouco mais de asul — e fôra àlem.
Para atingir, faltou-me um golpe d'asa...
Se ao menos eu permanecesse àquem...

Paris 1913 — maio 13.

IX--Como eu não possuo

COMO EU NÃO POSSUO

OLHO em volta de mim. Todos possuem —
Um afecto, um sorriso ou um abraço.
Só para mim as ansias se diluem
E não possuo mesmo quando enlaço.

Roça por mim, em longe, a teoria
Dos espasmos golfados ruivamente;
São extases da côr que eu fremiria,
Mas a minh'alma pára e não os sente!

Quero sentir. Não sei... perco-me todo...
Não posso afeiçoar-me nem ser eu:
Falta-me egoismo pra ascender ao ceu,
Falta-me unção pra me afundar no lodo.

Não sou amigo de ninguem. Pra o ser
Forçoso me era antes possuir
Quem eu estimasse — ou homem ou mulher,
E eu não logro nunca possuir!...

Castrado d'alma e sem saber fixar-me,
Tarde a tarde na minha dôr me afundo...
— Serei um emigrado doutro mundo
Que nem na minha dôr posso encontrar-me?...

*

* *

Como eu desejo a que ali vai na rua,
Tão agil, tão agreste, tão de amor...
Como eu quisera emmaranha-la nua,
Bebê-la em espasmos d'harmonia e côr!...

Desejo errado... Se a tivera um dia,
Toda sem véus, a carne estilisada
Sob o meu corpo arfando transbordada,
Nem mesmo assim—ó ansia!—eu a teria...

Eu vibraria só agonisante
Sobre o seu corpo d'extases dourados,
Se fosse aqueles seios transtornados,
Se fosse aquele sexo aglutinante...

De embate ao meu amor todo me rúo,
E vejo-me em destroço até vencendo:
É que eu teria só, sentindo e sendo
Aquilo que estrebucho e não possuo.

Paris — maio 1913.

X -- Alem-tedio

ALEM-TEDIO

NADA me expira já, nada me vive—
Nem a tristeza nem as horas belas.
De as não ter e de nunca vir a tê-las,
Fartam-me até as coisas que não tive.

Como eu quisera, emfim d'alma esquecida,
Dormir em paz num leito d'hospital...
Cansei dentro de mim, cansei a vida
De tanto a divagar em luz irreal.

Outróra imaginei escalar os ceus
A' força de ambição e nostalgia,
E doente-de-Novo, fui-me Deus
No grande rastro fulvo que me ardia.

Parti. Mas logo regressei á dôr,
Pois tudo me ruíu... Tudo era igual:
A quimera, cingida, era real,
A propria maravilha tinha côr!

Ecoando-me em silencio, a noite escura
Baixou-me assim na queda sem remedio;
Eu proprio me traguei na profundura,
Me sequei todo, endureci de tedio.

E só me resta hoje uma alegria:
É que, de tão iguais e tão vazios,
Os instantes me esvoam dia a dia
Cada vez mais velozes, mais esguios...

Paris 1913—maio 15.

XI--Rodopio

RODOPIO

VOLTEIAM dentro de mim,
Em rodopio, em novelos,
Milagres, uivos, castelos,
Forcas de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim.

Ascendem helices, rastros...
Mais longe coam-me soís;
Ha promontorios, farois,
Upam-se estatuas d'herois,
Ondeiam lanças e mastros.

Zebram-se armadas de côr,
Singram cortejos de luz,
Ruem-se braços de cruz,
E um espelho reproduz,
Em treva, todo o esplendor...

Cristais retinem de medo,
Precipitam-se estilhaços,
Chovem garras, manchas, laços...
Planos, quebras e espaços
Vertiginam em segredo.

Luas d'oiro se embebedam,
Rainhas desfolham lirios;
Contorcionam-se cirios,
Enclavinham-se delirios.
Listas de som enveredam...

Virgulam-se aspas em vozes,
Letras de fogo e punhais;
Ha missas e bacanais,
Execuções capitais,
Regressos, apoteoses.

Silvam madeixas ondeantes,
Pungem labios esmagados,
Ha corpos emmaranhados,
Seios mordidos, golfados,
Sexos mortos d'anseantes...

(Ha incenso de esponsais,
Ha mãos brancas e sagradas,
Ha velhas cartas rasgadas,
Ha pobres coisas guardadas—
Um lenço, fitas, dedais...)

Ha elmos, troféus, mortalhas,
Emanações fugidias,
Referencias, nostalgias,
Ruinas de melodias,
Vertigens, erros e falhas.

Ha vislumbres de não-ser,
Rangem, de vago, neblinas;
Fulcram-se poços e minas,
Meandros, pauis, ravinas
Que não ouso percorrer...

Ha vácuos, ha bolhas d'ar,
Perfumes de longes ilhas,
Amarras, lemes e quilhas —
Tantas, tantas maravilhas
Que se não podem sonhar!...

Paris — maio 1913.

XII--A Queda

A QUEDA

EU que sou o rei de toda esta incoerencia,
Eu proprio turbilhão, anseio por fixa-la
E giro até partir... Mas tudo me resvala
Em bruma e sonolencia.

Se acaso em minhas mãos fica um pedaço d'ouro,
Volve-se logo falso... ao longe o arremesso...
Eu morro de desdem em frente dum tesouro,
Morro á mingua, de excesso.

Alteio-me na côr á força de quebranto,
Estendo os braços d'alma — e nem um espasmo venço!...
Peneiro-me na sombra — em nada me condenso...
Agonias de luz eu vibro ainda emtanto.

Não me pude vencer, mas posso-me esmagar,
—Vencer ás vezes é o mesmo que tombar—
E como inda sou luz, num grande retrocesso,
Em raivas ideais, ascendo até ao fim:
Ólho do alto o gelo, ao gelo me arremesso...
. . . . . .
Tombei...
E fico só esmagado sobre mim!...

Paris 1913 — maio 8.

A
21992

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

ACS.
4496 V.

ACABADO DE IMPRIMIR

PARA O AUTOR

NOS PRELOS DA TIPOGRAFIA DO COMERCIO

AOS 26 DE NOVEMBRO DE 1913

FRANCISCO GONÇALVES
ALFARRABISTA
Compra e vende livros novos
e usados
Elevador de Santa Justa
LISBOA

A capa deste livro — composição original de JOSÉ PACHECO — foi fotogravada e impressa nas Oficinas da "Ilustração Portugueza" á rua do Seculo, 43 — em Lisboa

PREÇO: 50 centavos